

ENTREVISTA COM O PROFESSOR EWERTON VIEIRA MACHADO

Marcio Marchi¹

Resumo: Entrevista com Ewerton Vieira Machado, professor aposentado do Departamento de Geociências, que teve importante papel na formação acadêmica e na orientação de vários estudantes de bacharelado, de licenciatura e de pós-graduação, na criação de laboratórios de pesquisa e de associações acadêmicas, na organização de eventos acadêmico-científicos, em coordenações administrativas e no desenvolvimento de ações para o fortalecimento do ensino de Graduação e de Pós-Graduação de Geografia na Universidade Federal de Santa Catarina. Nesta entrevista, realizada em sua residência em Florianópolis, em 11 de março de 2017, ele conta um pouco de sua trajetória discente e docente, desde o começo de sua paixão pela Geografia, ainda em Aracaju, sua terra natal, sua vinda para Florianópolis e os desafios pessoais e profissionais ao longo de sua atuação na Geografia catarinense.

Palavras-chave: Geografia. Docência. Pós-Graduação. Departamento de Geociências. Universidade Federal de Santa Catarina.

INTERVIEW WITH PROFESSOR EWERTON VIEIRA MACHADO

Abstract: This is an interview with Ewerton Vieira Machado, retired professor at the Department of Geosciences, who played an important role in the academic formation and guidance of several bachelor, licentiate and postgraduate students, in the foundation of research laboratories and academic associations, as well as in the organization of academic-scientific events, administrative coordination and in the development of actions to strengthen the teaching of Graduate and Postgraduate studies in Geography at the Universidade Federal de Santa Catarina. In this interview, carried out at his residence in Florianópolis, on March 11, 2017, he tells us about his student and teaching story, from the early days of his passion about Geography, still in Aracaju, his hometown, to his coming to Florianópolis and all the personal and professional challenges he endured while working in Santa Catarina's Geography.

Keywords: Geography. Teaching. Postgraduate. Department of Geosciences. Universidade Federal de Santa Catarina.

ENTREVISTA COM EL PROFESOR EWERTON VIEIRA MACHADO

Resumen: Entrevista a Ewerton Vieira Machado, profesor jubilado del Departamento de Geociencias, quien jugó un papel importante en la formación y orientación académica de varios estudiantes de licenciatura, pregrado y posgrado, en la creación de laboratorios de investigación y asociaciones académicas, en la organización de eventos académico-científicos, coordinación administrativa y desarrollo de acciones para el fortalecimiento de la docencia de Licenciatura y Posgrado en Geografía en la Universidade Federal de Santa Catarina. En esta entrevista, realizada en su residencia de Florianópolis, el 11 de marzo de 2017,

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Colégio de Aplicação, Florianópolis, Brasil, marciomarchi@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-1502-7367>

cuenta un poco sobre su trayectoria estudiantil y docente, desde el inicio de su pasión por la Geografía, aún en Aracaju, su tierra natal, su llegada a Florianópolis y los desafíos personales y profesionales durante su trabajo en la Geografía de Santa Catarina.

Palabras clave: Geografía. Enseñando. Posgrado. Departamento de Geociencias. Universidade Federal de Santa Catarina.

Estamos aqui para apresentar um pouco da vida e da trajetória profissional de um professor que marcou o Curso de Geografia da UFSC, em especial, marcou minha formação, pois foi meu professor e orientador de TCC. Este é o professor Ewerton Vieira Machado, do Departamento de Geociências, atualmente, aposentado, mas, de forma alguma, inativo. Ele é natural de Aracaju, Sergipe e é formado em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe. Já mora em Florianópolis desde o início dos anos 1980 e se autointitula um “Catagipe”. Primeiramente, professor, como surgiram a Geografia e a docência em sua vida?

Bom, temos que remontar a anos. Eu sempre gostei de Geografia. A Geografia sempre foi, para mim, uma forma de conhecer e de buscar informações sobre o Mundo. Quando eu era criança, uma das minhas distrações com o meu irmão, um pouco mais velho que eu, era ficar olhando o fundo dos cadernos que traziam o mapa do Brasil e brincar de localizar lugares. Já tinha uma certa presença da Geografia em mim. E depois, na própria formação escolar, no antigo Curso Ginásial e no Ensino Técnico, eu sempre gostei e sempre me identifiquei muito com a disciplina de Geografia e recebia incentivo de meus professores. Então, é uma contribuição que eu trago da minha formação escolar e pude construir a minha formação profissional. Mesmo quando estudava no Curso Técnico (fazia desenho arquitetônico), já comecei a dar aulas como professor substituto em uma escola em Aracaju [Colégio Dom José Thomas]. Ministrei aulas de História e Geografia, como substituto de uma professora, a partir de 27 de setembro de 1975, coincidentemente, o dia de meu aniversário. Depois, como eu não prossegui atuando na área da Arquitetura em nível superior e como tinha que fazer um curso universitário, escolhi Geografia, porque via possibilidades de ser um campo bastante interessante de conteúdos e de conhecimento profissional, já que, antes de entrar na universidade, eu já estava aprendendo a dar aulas, aprendendo a trabalhar com alunos, aprendendo a trabalhar História e Geografia. Eu me inscrevi em 1975 para o

vestibular, mas não fiz as provas para poder ir para o Projeto Rondon como técnico de nível médio. Atuei com a delegação de Sergipe, em 1976, em Miranda [município do Mato Grosso do Sul], antes da divisão do Mato Grosso. Só em 1977, foi que efetivamente fiz o vestibular para Geografia e entrei para a Universidade Federal [de Sergipe] na primeira turma daquele ano letivo. Concluí a minha graduação: em 1980, a licenciatura e, em 1981, o bacharelado. Fiz o TCC, onde discuti transformações socioespaciais em uma via intraurbana de Aracaju. Em 1982, eu vim para Florianópolis fazer especialização e daí para frente segui com minha formação continuada de Pós-Graduação. Um detalhe: eu fazia o segundo ano universitário [1978] quando fui ao Congresso da AGB em Fortaleza, grande marco da Geografia brasileira, que criou uma divisão [na disciplina]: antes e pós-1978: a “Velha Geografia” e a “Geografia Nova”. Em Fortaleza, pude conhecer grandes nomes da Geografia nacional. Ao vê-los e ouvi-los, estimulei-me em continuar uma formação que via sentidos para minha atuação e da qual tinha identidades com aquele fazer, como em trabalhos acadêmicos. Em 1978, em Fortaleza, conheci o professor Carlos Augusto Monteiro, o vi pela primeira vez. Conheci também os professores Milton Santos, Armen Mamigonian, Roberto Lobato [Corrêa], Carlos Walter [Porto Gonçalves], enfim... uma série de geógrafos e professores que, na época, já se destacavam e que vinham de uma militância nacional por uma “Geografia Nova”. Cada vez mais, fui me identificando e me afirmando neste campo do conhecimento e tentando fazer com que esse meu conhecer e esse meu trabalho pudesse ter ressonância nas atividades de docente, tanto no Ensino Fundamental e Médio, lá em Aracaju, quanto nas atividades que eu passei a realizar aqui em Florianópolis, na Universidade Estadual [UDESC] e, depois, na Universidade Federal [UFSC].

E como foi essa vinda para Florianópolis, Santa Catarina? O que o motivou a atravessar o País?

Então... também é bom remeter um pouco às coisas do passado, da minha trajetória. Veja bem, quando eu fazia o antigo Curso Primário, que hoje é a primeira fase do Ensino Fundamental, eu tive uma professora de Geografia, que mesmo sendo sergipana, já havia residido em Joinville: a professora Valda Schmidt. E ela, sempre que podia, falava de Joinville e de Santa Catarina para seus alunos e uma das coisas que lembro é que ela dizia que Joinville era a “terra dos alemães”, a “cidade das bicicletas”, que tinha muitas indústrias e que naquela cidade tinham

muitas fábricas de muitas coisas que “sustentavam” a indústria brasileira. Ela falava também de outras cidades catarinenses, como Florianópolis, Blumenau... Então, eu fui criando um imaginário catarinense em minha cabeça e que, por coincidência, nas minhas idas e vindas no Projeto Rondon, durante a universidade, em 1978, acabei vindo parar em Palma Sola [município do Oeste Catarinense]. De Palma Sola, eu pude realizar, através de levantamentos que eu fiz para o Ministério do Interior como estudante, o meu primeiro trabalho acadêmico. A minha primeira monografia foi um apanhado de informações da natureza, da sociedade, da economia e da cultura e, assim, originou-se uma monografia sobre Palma Sola. Estava como estagiário no CONDESE [Conselho de Desenvolvimento de Sergipe], onde contei com apoio técnico, assim como, do Projeto Rondon para a publicação. Também vale dizer que Santa Catarina vem ao meu encontro, através de uma irmã que, no início dos anos 1970, fez mestrado aqui na UFSC e que me passava muitas informações sobre a universidade, além de falar bastante sobre Florianópolis. Pois bem, em 1978, quando eu fui à Fortaleza como estudante participar do Encontro Nacional de Geógrafos, eu falei com o professor Armen e ele, como uma liderança que fazia a cabeça da moçada na época, ventilou a possibilidade de eu vir para Florianópolis. Quando foi em 1980, no Encontro da AGB no Rio de Janeiro, eu o procurei mais uma vez e ele se comprometeu de me mandar mais informações quando eu desejasse. Aí, eu terminei a graduação e pedi informações e ele me mandou algo sobre o Curso de Especialização que havia na Universidade Federal de Santa Catarina, que era dos poucos no Brasil de caráter permanente. Assim, eu vim morar em Florianópolis em 1982. Cheguei aqui em 9 de março de 1982 para fazer a especialização, que durou dois anos. Na minha especialização eu tive muitos bons contatos com alunos de graduação e professores da UFSC. Alguns daqueles alunos se tornaram professores, como a Sandra Mendonça, no Colégio de Aplicação. Assim, pude aprofundar meus conhecimentos sobre Florianópolis e sobre Santa Catarina, de um modo geral. Terminada a pós-graduação, essa especialização, eu voltei para Aracaju. Em 1984, é criado o Mestrado de Geografia da UFSC, que foi o primeiro do Sul do País nessa área. Até então, as pós-graduações eram muito centradas no Sudeste ou no Nordeste: Recife, Aracaju, Rio, São Paulo, Rio Claro... Florianópolis saí na frente no Sul do Brasil, inclusive com um projeto de pós-graduação muito diferenciado dos que existiam até então, com concentrações bem interessantes, voltadas para problemas da natureza e problemas da sociedade, mas que traziam uma nova forma acadêmica de fazer Geografia. E eu fui da primeira

turma de Mestrado de Geografia da UFSC. Ingressamos em 1985. Quando terminei o curso, em 1989 (defendi a dissertação sob a orientação do professor Maurício Abreu, trabalhando problemáticas da urbanização de Aracaju), houve uma leva de concursos para a Universidade. Fiz concurso para a Geografia Humana e eu fiquei em primeiro lugar. Porém, deste concurso, eu não fui de imediato nomeado. Tive que aguardar as nomeações. Mas, no início dos anos 1990, houve outro concurso voltado para professor de metodologia e prática de ensino do Centro de Educação (com o falecimento da Professora Orlandina Preve) e como é uma coisa que eu sempre tive uma “cachaça” com o ensino, com a escola, com essas questões educacionais... eu lembro que, desde o meu tempo de aluno lá em Sergipe, a gente já brigava contra a criação dos Estudos Sociais, que é uma outra conversa, mas, sempre estávamos questionando o ensino escolar com esses tais Estudos Sociais e a perda de qualidade da Geografia. Então, houve esse concurso do CED [Centro de Ciências da Educação] e eu achei que era uma possibilidade e uma oportunidade para eu vir e quem sabe... fiz novamente, passei em primeiro lugar e fui nomeado em maio de 1990. Entrei na UFSC como professor, portanto, pela porta do Centro de Ciências da Educação para o Departamento de Metodologia de Ensino, onde fiquei por dois anos. Quando houve os chamados para ingressar no Departamento de Geociências, eu pedi minha remoção e daí para frente, só foi um crescente de inserção neste departamento, na vida do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, nas atividades da Pós-Graduação, que eu pude contribuir para o seu desenvolvimento. Comecei a ministrar aulas na Pós-Graduação, junto com o professor [Luiz Fernando] Scheibe, colaborando na ministração de disciplinas ligadas à orientação de metodologia de pesquisa para as dissertações de mestrado. Entre algumas atuações na Pós-Graduação, inicialmente, eu me lembro, em 1993, quando nós conseguimos trazer para Florianópolis a realização do IV Encontro Nacional de Pós-Graduação [de Geografia] e aqui nós fomentamos o nascer da ANPEGE, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia e elegemos o Professor Milton Santos, a Professora Maria Adélia [de Souza] e a Professora Amália Inés [de Lemos], todos professores da USP, para a primeira diretoria da ANPEGE. Pois bem, a universidade foi, portanto, a minha possibilidade de ampliar o meu conhecimento sobre Santa Catarina, sobre os lugares, as regiões e a natureza, enfim, todo o potencial que este estado tem e que me fez acreditar e eu acredito que me tornei um “catarinense de origem sergipana”, que eu chamo de “Catagipe”, um catarinense de Sergipe, pois mais da metade de minha vida tem

acontecido aqui em Santa Catarina. Através de minha atuação na Graduação e na Pós-Graduação, eu sempre tentei articular minhas atividades pedagógicas com programações que permitissem, minimamente, um conhecer de Santa Catarina. Minhas viagens de estudo, por exemplo, você deve se lembrar quando foi meu aluno, sempre se fizeram para algum lugar ou região onde eu pudesse não apenas levar discussões práticas aos estudantes, mas, também me permitir conhecer esse estado. Quer dizer, era uma via de mão dupla: tanto eu buscava problemáticas para ilustrar minhas atividades pedagógicas, mas, ao mesmo tempo, para eu conhecer o estado catarinense. E, assim, seguiu-se por muitas atividades na Graduação e atividades de pesquisas que eu fiz na Pós-Graduação. Já como professor na Pós-Graduação, surgiu a oportunidade importante de ir a São Paulo para fazer meu Doutorado na USP, onde terminei essa minha formação em 2000 e aí, já trabalhando com essa temática específica de Santa Catarina, em que elegi como foco de estudo a capital catarinense, tentando entender qual era o papel que tinha Florianópolis e região no estágio atual da globalização. Essa era uma das temáticas de discussões lá no grupo liderado pelo professor Milton Santos e a professora Maria Adélia, que foi minha orientadora. Quis tentar entender o papel que tem Florianópolis, daí eu chamar: “Florianópolis, um lugar em tempos de globalização” na minha tese. Regressando, continuei nas atividades pedagógicas na Graduação e na Pós, passei pela chefia do Departamento, pela Coordenação de Graduação, pela Coordenação da Pós-Graduação. No ano de 2012 fui realizar um estágio de Pós-Doc em Portugal [no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa] e lá pude aprofundar questões relacionadas com urbanização e “açorianidade”, que me permitiram ampliar aprendizagens sobre Santa Catarina e relações com o Arquipélago dos Açores. Em 2016, completados 25 anos de UFSC e quase 40 de magistério, eu me aposento, do ponto de vista das relações trabalhistas.

Ao longo de sua trajetória como professor do Curso de Geografia da UFSC, além de formar várias turmas, o senhor trabalhou em projetos de pesquisa e extensão e contribuiu para a formação de laboratórios de Geografia na UFSC. Conte-nos mais a respeito.

Prioritariamente, uma das questões que eu sempre privilegiei foi a questão do ensino. A sala de aula sempre foi um prazer para mim. Às vezes, no percurso, a gente tem altos e baixos em nossas existências, mas, muitas vezes, essas crises

eram minimizadas pela sala de aula. A sala de aula foi, como já frisei, a minha “cachaça”, o contato com o aluno, a possibilidade de provocar ideias através da Geografia à formação docente, à formação do bacharel, do pesquisador e de conhecer o Mundo. Isso é o que a Geografia permite: a gente entender o que é o Mundo funcionando nos lugares e a partir dos lugares, como sempre enfatizava o mestre Milton Santos. A Geografia permite realizar essa compreensão, essa interpretação, essa sistematização de tempos e espaços. Pois bem... e nesse percurso tive a possibilidade, individualmente ou junto a outros colegas, de implementar alguns projetos, ou de extensão, ou de pesquisa e também espaços laboratoriais, como foi o caso do Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais [LABEUR], já por conta da necessidade de criar grupos e temas de pesquisas em decorrência da expansão da nossa Pós-Graduação. Eu e o professor Nazareno [Campos] montamos um projeto piloto e com o apoio dos professores Armen Mamigonian, Luís Pimenta e Margareth Pimenta, discutimos a estrutura do laboratório. Submetemos à apreciação do Colegiado do GCN [Departamento de Geociências] e, após acirradas discussões, o bom senso prevaleceu e o LABEUR foi implementado. Dentro desse laboratório nós idealizamos uma atividade como projeto de extensão chamado “Espaço Biobibliográfico Milton Santos” (a partir de atividades para preparação de minha tese de Doutorado da USP), que depois passou a ser o “Espaço Geomemórias” porque nós agrupamos outros nomes da Geografia brasileira. Na verdade, o Espaço Geomemórias começou a partir do Espaço Milton Santos – Obras e Ideias para servir de referência ao grande geógrafo brasileiro que contribuiu para se entender uma Geografia dos “de baixo”, a Geografia da periferia, a Geografia dos pobres, como se insere o Brasil no Mundo e aí nós organizamos um pouquinho da obra do Milton aqui na UFSC. Veja você, juntei o Laboratório de Estudos Urbanos com a obra de Milton Santos e o Projeto Geomemórias, que depois adquiriu autonomia. Mas, também, nesse ínterim, desde quando entrei pelo Departamento de Metodologia de Ensino e, mais concretamente, quando já estava no Departamento de Geociências, eu idealizei junto com a Professora Jandira Spalding a criação do NEPEGEO, que é o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Ensino de Geografia, como uma possibilidade, não apenas para articular um espaço de laboratório, um espaço de vivência dos alunos-licenciandos, mas como a possibilidade também de trazer professores, principalmente, da rede escolar para trocarmos ideias, atualizar [práticas educativas], enfim... Então, esses dois espaços, vamos dizer, serviram de complementaridade da sala de aula da

Graduação/Pós-Graduação. Esses espaços como o NEPEGEO e o LABEUR, assim como o Geomemórias foram algumas das pequenas contribuições que pude trazer para além da sala da aula.

Há outras atividades em que o professor se envolveu como discente e docente na UFSC. O que mais o senhor poderia citar?

Veja, nas minhas andanças pela UFSC, seja como aluno ou como servidor/docente, em diferentes momentos, desde 1982, sempre estive envolvido e participando de atividades que, não apenas agregassem conteúdos à minha formação, mas, também, suscitasse estágios colaborativos, principalmente, para segmentos discentes ou para segmentos docentes. Farei aqui uma brevíssima síntese: grosso modo, a partir da condição de aluno no Mestrado, integrei-me com atividades ligadas com meus interesses estudantis. Foi assim com a criação da APGeo [Associação dos Pós-Graduandos de Geografia da UFSC], única no gênero na época no País, entidade voltada à organização e interesses discentes e de apoio em processos de construção e consolidação do PPGGeo [Programa de Pós-Graduação em Geografia]. Procurávamos no pequeno grupo das primeiras turmas realizar atividades agregativas como em eventos de formação (seminários, viagens para eventos, palestras...), eventos de confraternização, campanhas bibliográficas para a biblioteca do programa e, muitas vezes, atividades abertas à comunidade universitária, em geral. Vale destacar que fizemos circular um jornalzinho, produzido de forma bem artesanal (O Vento Sul), impresso em fotocópias (algumas vezes, até com o apoio da FAPEU, que cedia cópias) para dar conta de notícias do programa e/ou de nossos interesses, notícias vindas de outras fontes (outros programas, AGB...), publicar resumos de nossos trabalhos acadêmicos e até fazíamos circular o tal boletim em outros programas brasileiros. Muito amadorismo e ousadia! Com a APGeo, chegamos a colaborar em encaminhamentos deliberados em reuniões e entregues à coordenação do programa, como para a realização de “seminários de avaliação interna do programa”. Havia muita cooperação entre nós, porque queríamos ver o Mestrado crescer e boas avaliações junto a Capes e CNPq seriam interessantes a todos. Através da APGeo chegamos também a coordenar uma reunião nacional de pós-graduandos de Geografia, que aconteceu em Campo Grande, no ENG da AGB, em 1986, com posterior deliberação dos estudantes presentes no III Encontro Nacional de Pós-Graduação em Geografia, acontecido no

Rio, em 1987 e, a partir de então, estive colaborando com a comissão de Pós-Graduação daquela entidade, até 1993, quando aqui na UFSC, já como professor, realizamos o IV Encontro Nacional de Pós-Graduação em Geografia, onde nele nasceu a ANPEGE. Também cheguei a colaborar com a comissão de reativação da APG-UFSC [Associação de Pós-Graduandos da UFSC], entre 1988 e 1989, que esteve desativada por vários anos e depois de reorganizada e reintegrada à ANPG [Associação Nacional de Pós-Graduandos], fui secretário da primeira diretoria. Aí, chegamos a promover encontros entre pós-graduandos de toda a UFSC (haja festas, também!), visando estabelecer elos integrativos na instituição, assim como, em nível regional Sul, fizemos realizar um Encontro de Pós-Graduandos, inclusive com presença de ilustres convidados para discutir temas de nossos interesses na época (ciência e tecnologia, meio ambiente e a própria lei dos Pós-Graduandos, que estava sendo fomentada), como o ministro da Ciência e Tecnologia, que na ocasião, era o catarinense Luiz Henrique da Silveira, assim como trouxemos o geógrafo/professor da USP Armando Corrêa da Silva, causando grande acolhida e interesse de suas ideias por diferentes segmentos de pós-graduandos do evento. Como professor, estive em inúmeras atividades docentes ligadas ao GCN, sempre articulando de algum modo ensino-pesquisa-extensão, como a SEMAGEO [Semana de Geografia da UFSC]. Colaborei em atividades de outros departamentos (cursos de extensão e especialização) e setores da UFSC, como com a BU [Biblioteca Universitária], articulando o projeto “Colecionismo na Biblioteca”. Enfatizo ainda aqui participações e militância docente, através de várias atividades da APUFSC [Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina], envolvendo-me em comitês de várias greves, que houve nos anos 1990/2000. No possível, estive atuando em comissões da APUFSC, por exemplo no GTPE [Grupo de Trabalho em Políticas Educacionais], onde tive a oportunidade de acompanhar processos de discussão da nova LDB [Lei de Diretrizes e Bases], inclusive estando em Brasília, onde através do ANDES-SN [Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior] (e até cheguei a fazer parte da diretoria nacional, via regional Sul, entre 1992 e 1994), circulávamos entre comissões da Câmara Federal e lá pude estar próximo de grandes nomes, como o do professor Florestan Fernandes (então deputado federal por São Paulo), sempre nos acompanhando nas discussões e mediações junto à deputada Ângela Amin, relatora, na época, do projeto da LDB. Grosso modo, são esses destaques que aqui quero mencionar, entre tantos outros que estão lá no meu modesto Lattes.

E a sua atuação na Revista GEOSUL possibilitou entrevistar grandes nomes da Geografia brasileira. Como foi essa experiência? Que nomes foram esses?

Olha, na GEOSUL eu já me integrei a esse projeto, desde a época que ela surgiu em 1986, a partir de ideias do professor Armen [Mamigonian], junto com a professora Dolores [Maria Dolores Buss] e outros professores do Departamento. No primeiro número foi entrevistado o grande geógrafo catarinense, o Professor Victor Peluso Júnior. Então, foi minha ideia a de sempre colaborar nas edições da revista. Eu me lembro que no primeiro número nós fizemos uma edição piloto para levarmos ao Congresso de Campo Grande [IV Encontro Nacional de Geógrafos]. Eu e o professor Armen fomos formatar a revista impressa aqui na Editora da Universidade. Fizemos um “boneco” da revista, levamos as fichas de adesões para assinaturas e daí para frente eu fui colaborando na divulgação, principalmente, em eventos. A gente levava as revistas para divulgação e venda de volumes. Mas, eu acho que uma das coisas que, muito mais do que colaborar, que eu aprendi muito e que foi de grande experiência, foi participar das entrevistas. Eu participei de inúmeras. Eu acho que quase duas dezenas de entrevistas, desde entrevista com Milton Santos, entrevista com Manuel Correia de Andrade, com o professor Ignácio Rangel, com a professora Maria Adélia, com o professor Maurício Abreu, com o professor Amorim [Oswaldo Amorim Filho], com a professora Bertha Becker, com a professora Nídia Pontuschka, com a professora Dora Romariz, com a professora Livia de Oliveira, com o professor Alexandre Diniz, com a professora Auxiliadora Silva, enfim, inúmeros geógrafos brasileiros e alguns estrangeiros que nós entrevistamos, como o professor Jorge Gaspar, o que é uma grande marca da GEOSUL, que é *sui generis* entre as revistas brasileiras de nossa área acadêmica. Os artigos são importantes? São, mas são produções individuais ou são produções de grupos, mas, as entrevistas, são como uma possibilidade que a gente oferecia e oferece para que grandes nomes falassem sobre sua trajetória e sobre suas experiências em Geografia e isso, para mim, foi um grande aprendizado e foi uma possibilidade para contribuir com a revista, que veio a se somar na consolidação da Pós-Graduação e para que tivesse o *status* que ela tem e que se tenta manter, atualmente, através do trabalho do professor Carlos Espíndola, que coordena a continuidade e esforços nesse coletivo e que eu acredito que é uma grande contribuição... as entrevista são

para mim e tenho certeza que é para muita gente, ao acessar volumes desse periódico, uma grande fonte e referência da Geografia catarinense para o Brasil.

Hoje, o senhor está aposentado como professor do Departamento de Geociências, mas continua ativo na Geografia. Com a sua experiência, qual é o papel do geógrafo no Mundo atual e, especificamente, no Brasil?

Muita coisa poderia se dizer. Veja, eu me aposentei um pouco por “conveniência” e dentro de bases legais. Mas, também um pouco de cansado. Você pode dizer: ah, um cara jovem com menos de 60 anos se aposenta! Mas, foram quase 40 de magistério. Então, [eu estava] um pouco frustrado com coisas da conjuntura brasileira, dos encaminhamentos que o País vem tomando, mas, querendo fazer outras coisas também decorrentes da Geografia. A burocracia da universidade, ela atrapalha um pouco as nossas vidas acadêmicas e, principalmente, a vida pessoal. Quando eu me aposentei, eu tinha um compromisso com alguns alunos que eu tinha aceitado como orientandos: doutorandos, mestrandos e de TCCs. Então, continuei com eles, acho que até 2018 ou 2019, até esse pessoal concluir o seu trabalho. Mas, a Geografia é uma coisa que está muito impregnada em mim. Está impregnada porque eu vejo tanto pelo que eu consegui me qualificar, como pelo que consegui transmitir modestamente no que foi possível fazer, com erros e acertos. Vejo na Geografia a grande janela para eu me colocar no Mundo, para eu me situar no Mundo, para eu viver o Mundo. Então, eu pretendo, mesmo enquanto aposentado, tentar ressignificar-me como cidadão, mas sempre com o olhar da Geografia e pretendo fazer alguma coisa, talvez, voluntária, meio utópica, junto à área de ensino escolar, talvez, em uma escola pública em Sergipe, não sei... É uma intenção de voltar e dar um pouco de contribuição para minha terra com coisas que eu acumulei na minha vida a partir da visão de Mundo que a Geografia me ofereceu. Então, é mais ou menos por isso. Agora... a partir das possibilidades que geraram o meu trabalho, eu vejo que a Geografia, hoje, é muito mais geradora de opções para quem busca trabalhar com as questões associadas ao seu objeto científico e às suas objetivações específicas, né? Quando eu entrei na universidade, a maior parte dos alunos eram mulheres e quando eu comecei a dar aulas, boa parte desses alunos ainda eram mulheres. Esse perfil foi mudando. Mudou o perfil não apenas por conta do mercado de trabalho, mas mudou também pela perspectiva que o campo disciplinar científico oferece em qualificar profissionais, independentemente de

gênero, qualificando também enquanto campo de formação acadêmica, com uma série de possibilidades de instrumentais técnicos, de leitura e aprofundamentos temáticos etc. Então, eu vejo que é um campo muito fértil não apenas para o jovem se qualificar em conteúdos, mas também se posicionar como profissional e como cidadão, porque a Geografia não é mais uma disciplina meramente para decorar fatos, dados. Ela é uma disciplina científica que forma um intelectual, que dá possibilidades de se posicionar politicamente, de conhecer como funcionam as coisas e os lugares, as relações, das dinâmicas da natureza, das dinâmicas da sociedade e construir, digamos, “leituras integradas” do Planeta em diferentes escalas. Qual outra disciplina é capaz de gerar esse “tesão” num jovem que busca a universidade e que queira conseqüentemente e comprometidamente atuar? A História, as Ciências Sociais, a Economia..., mas, a Geografia junta esses dois campos: da dinâmica da natureza à sociedade e as suas dialéticas. Aí você constrói, através dos experimentos metodológicos e científicos, possibilidades de entender o funcionamento do Mundo, desde uma rua até o “Sistema Terra”. Então, vejo realmente por essas perspectivas e, claro, que temos que ter preocupação quando a gente vê hoje as inúmeras reformas que esse Estado e que esse novo governo brasileiro está fazendo e que, na Educação quer minimizar o papel da Geografia no ensino escolar. Isso é preocupante porque não apenas retira da escola a possibilidade de um aprendizado conseqüente, que pode mexer com as estruturas de consciência e de poder no País, assim como pode retirar campo de trabalho de muitos jovens que estão querendo ser professores ou que podem também se tornar bons técnicos para trabalhar com planejamento, assessorando prefeituras, trabalhando com empresas em análises dos mais diferentes temas que a Geografia costura no seu campo disciplinar de saber.

Professor, eu o parabeno pela sua trajetória e agradeço a contribuição que o professor deu à minha formação acadêmica e de tantos outros estudantes de Geografia.

Eu que agradeço porque você foi uma das possibilidades que me permitiu aprender sobre Florianópolis. Eu sempre fiz dos meus orientandos uma forma pedagógica para aprender e você foi um exemplar orientando, tanto pelo seu jeito de ser um bom aluno, que estudava, que buscava, que sistematizava sua aprendizagem, que nos questionava, porque isso é muito bom: ser questionado. Não [devemos] ser

aquele mero repassador de informação que vai lá na sala de aula e fala sobre a sua “capelinha”, sobre a sua “igrejinha”. Devemos aprender com os alunos e você foi uma das possibilidades, que me permitiu contribuir com seu crescimento acadêmico, mas, ao mesmo tempo, de fazer com que você descobrisse que nesse campo acadêmico estaria uma de suas opções: de ser professor. E hoje você está aqui como professor na Universidade e eu te ofereço esse livro, que em algumas passagens eu contribuí na discussão [UFSC 50 Anos: trajetórias e desafios]. Foi um livro organizado pela professora Roselane Neckel (que foi reitora de nossa universidade) e pela jornalista Alita Diana Corrêa Kückler [da AGEKOM – Agência de Comunicação da UFSC] e que, em algum momento aqui, eu dei um pequeno depoimento sobre a Pós-Graduação em Geografia na UFSC. Então, é para você conhecer não apenas a universidade, já que você está entrando para ser professor, mas para também ser mais um a somar na contribuição e no crescimento de nossa UFSC.

Muito obrigado, professor!

Obrigado você por estar falando isso! Olha, dizem que quando você dá entrevistas, está caminhando para a morte. Eu não quero morrer agora, não!

Não, não vai!

Obrigado!

NOTAS DE AUTOR

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Marcio Marchi - Concepção. Realização da entrevista. Edição. Revisão da versão final do texto.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebido em: 15-8-2021

Aprovado em: 28-10-2021